

From Satellites to Publication Trains Dos Satélites aos Comboios das Publicações

José Mariz^{1,2,3} 

O mundo sempre girou depressa, mas mudou a unidade com que medimos a pressa. Na era dos comboios bastava acertar os relógios ao minuto; na era dos satélites, os relógios têm de ser afinados ao ritmo subatômico do microssegundo. A publicação científica, hoje inteiramente imersa na eletrónica, não escapou a esta aceleração. O efeito mais deletério sobre o ecossistema é o predomínio da quantidade sobre a qualidade: com tantos agentes que precisam de publicar, os microssegundos contam artigos e citações, enquanto o tempo de reflexão sobre a qualidade continua a correr numa bitola de carris.

Os médicos portugueses não estão imunes a esta pressão. Concursos, obtenção do grau de consultor, progressão académica e o próprio internato exigem publicações, e quem avalia currículos tende ainda a contar artigos sem olhar para as revistas onde foram publicados.

É desta pressão que vivem os editores predatórios. Prometem publicação rápida, aceitação quase garantida e uma aparência de legitimidade, sustentada por conselhos editoriais de fachada e por indexações enganosas ou simplesmente inventadas. Um painel internacional de consenso descreveu-os como entidades que colocam o interesse próprio acima da ciência, marcadas por informação falsa ou enganadora, desvio das boas práticas editoriais, falta de transparência e solicitação agressiva e indiscriminada de autores.¹

O tema não é novo entre nós. Em 2018, Revés *et al* alertavam, na Acta Médica Portuguesa, para esta indústria que ameaça a ciência, e propunham campanhas educativas de literacia em publicação científica e uma mudança no paradigma que deixasse de premiar a quantidade.² Oito anos depois, o diagnóstico mantém-se atual; o que mudou foi a sofisticação dos predadores.

Não surpreende, por isso, que as revistas predatórias continuem a proliferar explorando a crescente pressão para publicar, atraindo autores com a promessa de taxas de processamento de artigos (*article processing charges* — APC) reduzidas e de processos de revisão e publicação particularmente rápidos. Para reforçar a sua aparente credibilidade, algumas alegam falsamente estar indexadas em bases de dados de referência, e anunciam fatores de impacto inexistentes ou indicadores bibliométricos sem reconhecimento.

O seu principal objetivo é a obtenção de receitas financeiras, sem assegurar os mecanismos essenciais de controlo da qualidade científica, nomeadamente uma revisão por pares efetiva e critérios rigorosos de avaliação e validação dos manuscritos submetidos.

A PubMed é uma plataforma de acesso gratuito, desenvolvida pela National Library of Medicine (NLM) dos Estados Unidos, que permite aceder a conteúdos da MEDLINE, da PubMed Central (PMC) e da NCBI *Bookshelf*. A presença de artigos na PubMed não significa, por si só, que a respetiva revista esteja indexada na MEDLINE.³ A MEDLINE é uma base de dados bibliográfica que integra revistas selecionadas através de um processo de avaliação científica e editorial particularmente exigente, assegurando a indexação dos artigos com descritores *medical subject headings* (MeSH). A PubMed Central (PMC) admite revistas mediante critérios próprios de avaliação científica, editorial e técnica, mas a sua inclusão não equivale à indexação na MEDLINE. A elevada taxa de rejeição de candidaturas à MEDLINE resulta da exigência dos critérios de qualidade científica e editorial, mas também da avaliação da relevância, do público-alvo e do contributo de cada revista para a literatura biomédica já indexada. A NLM procura selecionar revistas que acrescentem valor à cobertura existente, pelo que o cumprimento dos requisitos de qualidade não garante a aceitação. Revistas de âmbito predominantemente nacional ou regional podem enfrentar dificuldades acrescidas quando não conseguem demonstrar relevância científica para uma comunidade internacional mais alargada.³

Não surpreende, por isso, que algumas revistas predatórias estejam hoje em sítios onde não deveriam estar. A indexação é um ecossistema mais vasto do que uma única etiqueta: bases como a SciELO, a DOAJ ou a Embase aplicam critérios próprios e exigentes e reavaliam periodicamente as revistas que acolhem. A Embase distingue-se pela sua ampla cobertura da literatura biomédica europeia, decorrente da sua origem europeia e de uma política de seleção de revistas que, historicamente, tem assegurado uma maior representação de publicações europeias do que a MEDLINE. Esta complementaridade é particularmente relevante para a identificação de estudos publicados em revistas não indexadas na MEDLINE, contribuindo para aumentar a sensibilidade das pesquisas bibliográficas. A Embase constitui, por isso, uma fonte fundamental para revisões sistemáticas, especialmente nas áreas da farmacologia, segurança dos medicamentos e investigação clínica, nas quais apresenta uma cobertura particularmente extensa.⁴

¹Editor-Chefe

²Serviço de Urgência e Unidade de Cuidados Intermédios, ULS Braga, Braga, Portugal

³Escola de Medicina da Universidade do Minho, Braga, Portugal

<https://doi.org/10.24950/rspmi.2923>

A RPMI tem feito esse caminho com paciência. Está indexada na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Directory of Open Access Journals (DOAJ), seguindo as recomendações do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) e os princípios do Committee on Publication Ethics (COPE), e continua a submeter-se ao escrutínio de outras bases biomédicas internacionais, porque a credibilidade de uma revista se constrói com critérios verificáveis e não com promessas. Como disse, o tema não é novo. A Helena Donato já referiu que a indexação em bases internacionais leva tempo e exige da revista um esforço continuado, sobretudo a capacidade de atrair mais artigos de investigação e mais autores de referência.⁴ Esse esforço não depende apenas de quem edita; depende, em primeiro lugar, de quem escreve. Uma revista nacional com revisão por pares e acesso aberto é uma opção legítima, e não um prémio de consolação. Publicar na RPMI é também garantir que a evidência produzida em Portugal, sobre doentes portugueses, encontra um espaço com revisão séria e memória duradoura, em língua portuguesa. ■

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without external peer review.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

Apoio Financeiro: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

Proveniência e Revisão por Pares: Solicitado; sem revisão externa por pares.

© 2026 Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. This is an open-access article under the CC BY-NC 4.0. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

© 2026 Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. Este é um artigo de acesso aberto sob a licença CC BY-NC 4.0. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial.

Received / Recebido: 22/10/2026

Accepted / Aceite: 22/10/2026

Published Online / Publicado Online: 30/10/2026

Published / Publicado: 30/10/2026

REFERÊNCIAS

1. Grudniewicz A, Moher D, Cobey KD, Bryson GL, Cukier S, Allen K, et al. Predatory journals: no definition, no defence. *Nature*. 2019;576:210-2. doi:10.1038/d41586-019-03759-y
2. Revés J, da Silva BM, Durão J, Ribeiro NV, Lemos S, Escada P. Predatory publishing: an industry that is threatening science. *Acta Med Port*. 2018;31:141-3. doi:10.20344/amp.9810
3. Donato H. A Revista Medicina Interna: abraçando o presente e desvendando o futuro. *Med Interna*. 2023;30:67-8. doi:10.24950/rspmi.1932
4. Elsevier. Embase content coverage [consultado 2026 out 22]. Disponível em: <https://www.elsevier.com/products/embase/content>